



Revista Café com Sociologia

Volume 5, número 3, Ago./Dez. 2016

ENTREVISTA

O ENSINO DE SOCIOLOGIA E A FORMAÇÃO DO PROFESSOR: Uma entrevista com *Evelina Antunes Fernandes de Oliveira*

Entrevistador: Cristiano das Neves BODART¹

Evelina Antunes Fernandes de Oliveira é professora Adjunta IV do Instituto de Ciências Sociais da Universidade Federal de Alagoas (Ufal). Graduiu-se em 1980 em Ciências Sociais, pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Entre os anos de 1983 e 1984 foi diretora do Sindicato dos Sociólogos de Minas Gerais; entre 1982 e 1983 dirigiu a Sociedade Mineira de Sociologia; foi professora, entre 1983 e 1985, na Universidade de Montes Claros (Unimontes), em 1986 na Universidade de Taubaté (Unitau), no Instituto Newton Paiva (BH-MG), tendo atuado como socióloga em diversas entidades e órgãos públicos. Em 1989 tornou-se a primeira professora de Ciência Política na UFAL, onde passou a lecionar desde então. Tornou-se mestra em Ciência Política pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) no ano de 1994.

A Evelina Antunes Fernandes de Oliveira esteve como coordenadora, entre os anos de 2011 e 2016, do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência junto ao curso de licenciatura em Ciências Sociais, curso que ajudou a fundar na Universidade Federal de Alagoas, em 1994. Além de ampla experiência junto à temática “Desenvolvimento Regional”, suas preocupações acadêmicas e docente estiveram voltadas ao ensino de Sociologia escolar, tendo recentemente, em 2015, lançado uma coletânea em coautoria com Amurabi de Oliveira, sob o título “Ciências Sociais e Educação: um reencontro marcado”. Em 2007, juntamente com outros professores pesquisadores, organizou uma coletânea intitulada “Leituras sobre Sociologia no Ensino Médio”. Participou do PNLD-Sociologia /INEP/MEC, 2012.

¹ Doutor em Sociologia/USP e professor adjunto da Universidade Federal de Alagoas (Ufal). Editor da Revista Café com Sociologia. E-mail: cristianobodart@hotmail.com

Revista Café com Sociologia: Professora Evelina Oliveira, primeiramente obrigado por aceitar o convite para a presente entrevista. Para início de conversa, poderia nos dizer em que medida sua trajetória enquanto pesquisadora veio a colaborar para sua atuação enquanto formadora de professores de Sociologia?

Evelina A. F. de Oliveira: Minha experiência como pesquisadora social sempre foi fundamental ao meu desempenho como professora. Tive a sorte de me graduar em Ciências Sociais num curso cujo perfil era (e ainda é) de formador de pesquisadores; então fui aprendendo Ciências Sociais também através da prática da pesquisa. Como estagiária, durante os 4 anos de graduação, pude conhecer diversos lugares de trabalho para um bacharel em Ciências Sociais, tais como instituições públicas e privadas de pesquisa e planejamento; e conhecer a profissão é fundamental para se ensiná-la. Pude também começar a entender em que medida a teoria vista em sala de aula se fazia presente no exercício da profissão.

Me tornei professora porque precisava de um trabalho regular e as pesquisas eram e continuam sendo intermitentes. O que a prática da pesquisa traz para a sala de aula? Ao pesquisar desenvolvemos uma postura investigativa, que implica em 1) levantar questões sobre o objeto pesquisado; 2) sistematizar informações em função de algum objetivo; 3) treinar a escuta e; 4) avaliar regularmente o trabalho feito. Considero essas quatro condições como fundamentais para o trabalho em sala de aula. A aula sempre flui melhor quando o professor ou professora conhece pelo menos um pouco os seus/suas alunos/as; quando ele/ela procura escutar; quando identifica algum problema durante as suas aulas, avalia e muda o procedimento; e quando busca clareza em suas explicações. Além de tudo isso, o acervo bibliográfico gerado pelas várias pesquisas costuma ser a fonte para os melhores exemplos na discussão de temas, conceitos e teorias. É este conjunto de elementos que me estimula sempre a trabalhar na formação de professores.

Revista Café com Sociologia: Paulo Freira já denunciava a importância da pesquisa na formação do professor. Ainda que o desenvolvimento inicial da Sociologia no Brasil estivesse no ensino básico, a partir dos anos de 1940 notamos que a preocupação dos cursos de Ciências Sociais estiveram quase que exclusivamente voltados à pesquisa e à formação do bacharel, o que propiciou um distanciamento entre Sociologia e Educação. Isso fica claro pela quase inexistência de sociólogos pensando a prática docente, sobretudo no Ensino Médio. Sabemos que a quase inexistência da disciplina de Sociologia colaborou para isso. Dito isto, a senhora acredita que temos hoje um cenário

diferente e promissor quanto a aproximação da Sociologia com a Educação, como propõe o título provocativo da coletânea que organizou em 2015?

Evelina A. F. de Oliveira: Acredito que sim. Todos sabemos que há sempre uma fina sintonia entre o mercado de trabalho e os rumos das graduações. Naquele contexto, anos 40 e 50 do século passado, surgiram muitas instituições de pesquisa e planejamento (exigidas pelo desenvolvimentismo de então) que ofertavam vagas para os bacharéis, enquanto o sistema de ensino, em todos os graus, permanecia elitizado. É também desse período uma importante presença de cientistas sociais na elaboração das políticas públicas, inclusive, claro, nas de Educação. Com as grandes mudanças na economia mundial e, portanto, também locais, nas últimas décadas, além do que já estava estabelecido como opção de trabalho para o cientista social, impõe-se a necessidade de ampliação de vagas nas escolas e nas universidades, e também de cursos de licenciatura.

Penso que há também uma outra razão para o relativo afastamento entre a Sociologia e a Educação. Algo de natureza mais burocrática e ligada à cultura local. Nos anos de 1970, quando são feitos os campus universitários, os pedagogos já tinham uma tradição respeitável nas burocracias universitárias. Não por acaso, as faculdades de Educação, na maioria dos casos, tiveram seus prédios próprios. Ao mesmo tempo, os cursos de Ciências Sociais raramente se encontram entre os mais concorridos. Por outro lado, em locais como Alagoas, onde o desenvolvimento econômico se dá mais tardiamente, a diversificação das oportunidades de trabalho termina sendo sufocada pelas deficiências escolares, quando pensamos na maioria da população. Acredito que ainda por muito tempo o que as Ciências Sociais precisam fazer é formar professores. Aqui, a maior parte das pessoas que formamos são professores em Alagoas.

Neste diapasão, o reencontro entre Ciências Sociais e Educação é inevitável. Repetindo o que dissemos na introdução do nosso livro (2015),

(...) o que marca esta nova confluência é a capacidade investigativa das Ciências Sociais e a extensa e histórica ramificação da reflexão sobre Educação no Brasil.

Se há de fato uma “divisão de tarefas” implícita entre a Sociologia da Educação desenvolvida pelas faculdades de Educação e pelos departamentos ou unidades acadêmicas de Sociologia/Ciências Sociais, pois ao passo em que a primeira estaria mais direcionada para a investigação sobre a Educação Básica, e a segunda se voltaria majoritariamente para o Ensino Superior (MARTINS, WEBER, 2010), acreditamos que a reintrodução das Ciências Sociais no Ensino Médio tem possibilitado um verdadeiro reencontro entre tais ciências e o campo educacional, especialmente no que tange ao universo escolar.

Revista Café com Sociologia: A senhora defende a obrigatoriedade da disciplina de Sociologia no Ensino Médio ou acredita que seus “estudos e práticas” podem ser trabalhados como temas transversais no interior de outras disciplinas, como estava proposto antes da Lei nº 11.684, de 2 de Junho de 2008, que a reintroduziu como obrigatória?

Evelina A. F. de Oliveira: Defendo a permanência de disciplina enquanto a Educação Básica estiver organizada em disciplinas. Defendo o respeito e a consideração a todo trabalho feito e todo o investimento público já realizado, que deram, nos últimos anos, um *upgrade* neste grau de ensino. Especialmente quanto ao Ensino Médio, que conheço mais de perto, foram muitos profissionais envolvidos em muitas discussões, para melhorar a formação dos professores, para melhorar a sala de aula destes professores. Só para dar dois exemplos de programas de peso na formação do licenciando e na sala de aula do Ensino Médio, o PIBIB e o PNLD. Em qualquer circunstância, eu defendo que reformas educacionais sejam elaboradas por profissionais especialistas em Educação.

Revista Café com Sociologia: Qual a justificativa para se manter a Sociologia no Ensino Médio?

Evelina A. F. de Oliveira: O cientista social e professor de Sociologia no Ensino Médio deve trabalhar com conteúdos cujas fontes são provenientes dos acervos teóricos e metodológicos da Antropologia, Ciência Política e Sociologia. É deste lugar que sairão muitos argumentos interessantes para a juventude que está em sala de aula e lhes proporcionarão o acesso à outra forma de entender a si mesma e ao mundo em que vive. É evidente que nenhuma disciplina isoladamente dará conta deste recado, e toda disciplina está inserida num certo currículo e numa certa escola, o que impõe limites ao desempenho de qualquer disciplina. Ainda assim, creio que temos algo a dizer à sociedade, através de tudo o que produzimos. Outro ponto importante é que, o lugar da disciplina não pode ser usurpado dos currículos porque reflete um volume considerável de trabalho de muita gente e muito dinheiro público. O que caracteriza esta usurpação, além dos argumentos jurídicos, é a forma atabalhoada com que esta reforma do Ensino Médio tem sido anunciada. Até agora não temos muitas informações sobre como a reforma será operacionalizada. Ela irá requerer conhecimento especializado para não dar com os burros n'água, como se dizia antigamente. Como e por quem será feita esta seleção? Como as redes estaduais irão operar é uma das perguntas que ainda não foi

respondida. Existem pontos obscuros que certamente irão implicar em vários problemas em cada uma das escolas.

Podemos pensar no sentido inverso, na ausência da disciplina, quando serão excluídos ou inibidos os muitos debates importantes para a melhoria do ambiente escolar, na medida em que envolvem o interesse dos alunos na e pela escola. No Brasil, na última década, foram produzidas muitas pesquisas que identificam como um obstáculo sério na melhoria do Ensino Médio um certo distanciamento entre os sujeitos que fazem a escola.

Como exemplos simples de nossa importância no currículo como disciplina, podemos mencionar que temos alguns assuntos que são tratados na Sociologia, como participação política, raça e etnia, que também podem ser abordados nas aulas de História, Filosofia, Geografia, Artes, etc, mas que poderão ser melhor trabalhados com o suporte das muitas pesquisas produzidas em Ciência Política ou Antropologia, que provavelmente escapam aos demais espaços disciplinares.

Nunca é demais lembrar que em todo o Brasil, e especialmente em Alagoas, a reforma cuja proposta está em curso visa proteger os interesses das redes privadas de ensino e irá criar vários problemas para as redes estaduais, que já se encontram em condições muito difíceis.

Revista Café com Sociologia: Diversas pesquisas vêm evidenciando o desinteresse dos estudantes do Ensino Médio em ser professor. No caso em particular de Alagoas, na Ufal, como a senhora tem observado mudanças quanto ao interesse dos jovens em ser professor de Sociologia ou mesmo no decorrer do curso de licenciatura em Ciências Sociais?

Evelina A. F. de Oliveira: Inicialmente, entre 1994 e 2000 aproximadamente, a maioria de nossos alunos procurava o curso porque a concorrência era baixa. Era muito alto o número de pedidos de reopção de curso. Dez anos depois, já encontramos um número maior de interessados em nossos conteúdos específicos. Como em várias partes do Brasil, o nosso curso foi bacharelado/Licenciatura até 2006, e depois se dividiu em dois cursos. Muitos cientistas sociais, nestes 22 anos, se tornaram professores porque a docência foi a colocação de trabalho encontrada. A precariedade da Educação Básica alagoana, amplamente difundida, é geradora permanente de demanda por cursos de Licenciatura, em todas as áreas. O tamanho do déficit educacional alagoano reivindica a melhoria de todos os cursos formadores de professores.

Se há quase cem anos somos necessários nos cursos de formação de professores, por que deixaríamos de ser?

Revista Café com Sociologia: Quais os principais desafios de hoje em relação a formação de professores de Sociologia do Ensino Médio?

Evelina A. F. de Oliveira: Acho que são principalmente de dois tipos. O primeiro é a dinamização dos cursos de Licenciatura de forma que mais e mais grupos de pesquisa tenham seus trabalhos presentes nos materiais didáticos usados nas aulas de Sociologia no Ensino Médio. O segundo é apoiar a maior visibilidade da disciplina dentro da escola. E como se faz isso? Com boas aulas e com maior participação na escola. E aqui encontramos muita distância entre as experiências estaduais, como em Minas Gerais e em Alagoas, por exemplo. Cada rede estadual tem sua própria história, sua hierarquia e sua tradição e nesse emaranhado de condições institucionais é onde se encontra a possibilidade efetiva para o que eu considero uma boa atuação de um/uma professor/a.

Revista Café com Sociologia: Tendo sido coordenadora do PIBID de Ciências Sociais na Ufal, a senhora poderia, a partir de sua experiência, destacar os benefícios desse programa para a formação docente?

Evelina A. F. de Oliveira: Com prazer! Além de melhorar o desempenho acadêmico dos bolsistas, os colocou em contato com o cotidiano escolar; principalmente num período em que a disciplina “estágio supervisionado” teve vários problemas locais. A sala de aula no Ensino Médio e a observação da gestão escolar se tornaram objetos de estudo em muitas monografias. A maioria dos ex-bolsistas está trabalhando em alguma escola e/ou participando de um programa de pós-graduação. Nossas atividades de pesquisa foram as primeiras para muitos bolsistas. Muitos deles chegaram ao programa com algumas dificuldades na leitura e na escrita e saíram com artigos publicados, frutos de pesquisa. Tornamos as aulas de Sociologia mais interessantes, e o melhor indicador foi o aumento da participação dos alunos em sala (ver <http://ufalpidcienciassociais.blogspot.com.br/>). Neste item vale lembrar que a introdução do livro didático, em 2012, mudou significativamente o que era dado em sala de aula, principalmente se consideramos que grande parte dos/as professores/as não tem formação específica. O livro didático veio substituir meia dúzia de folhas xerocadas ou de páginas de jornal ou revistas que eram usados normalmente e deu ao professor um roteiro mínimo. Era comum o tratamento dos mesmos conteúdos nos três anos de Ensino Médio.

Revista Café com Sociologia: Como o PIBID pode [e ver] ser potencializado como um espaço de formação de professores-pesquisadores?

Evelina A. F. de Oliveira: Com a elaboração conjunta (coordenador/a, supervisor/a e bolsistas) de pesquisas que tragam questões interessantes para a sala de aula, apoiando uma maior aproximação entre os grupos de pesquisa em Ciências Sociais e os conteúdos na escola; dando mais atenção ao problema da gestão escolar; e, o terceiro ponto, é o fortalecimento de ações interdisciplinares nas escolas.

Revista Café com Sociologia: Professora Evelina Oliveira, em nome da Revista Café com Sociologia, agradeço pela atenção e importante colaboração para pensarmos o ensino de Sociologia e a formação docente.

Evelina A. F. de Oliveira: Eu também agradeço a oportunidade para falar com a Revista Café com Sociologia, que tem sido um lugar importante para trocarmos ideias sobre nossa profissão. Parabéns pelo trabalho de vocês! Muito obrigada!

Recebido em: 10 de dez. 2016.

Aceito em: 19 de dez. 2016